



Produtores mineiros em visita a propriedades rurais na Província de Córdoba, na Argentina



Missão com produtores de MG vai ao c

Empreendedorismo, resiliência, gestão profissional da atividade e simpatia foram as principais características encontradas nos produtores argentinos

REDAÇÃO BB* – FOTOS: MARIANNA CORREA/BB

Entre 20 e 25 de maio último, 35 produtores da região de Itanhandu (MG), participantes do programa Educampo/Laticínios Alhambra, realizaram uma missão técnica à Argentina para conhecer mais a fundo as características da produção leiteira da Província de Córdoba. A viagem teve a parceria do SEBRAE/MG e da ST Genéticos – Brasil/Argentina e foi acompanhada pela Balde Branco.

A Argentina ocupa a 12ª posição na produção

de leite mundial, atrás do Brasil, que está na 5ª posição, porém, por lá, o perfil dos produtores é mais homogêneo, concentrado em grandes propriedades, com manejo intensivo e profissional e elevado nível tecnológico. São cerca de 10 mil fazendas de leite produzindo 11 bilhões de litros de leite/ano, com excelente qualidade e suficiente para suprir a demanda interna e ainda para exportação.

No Brasil, por sua vez, o perfil dos produtores



o coração da produção leiteira argentina

é bem mais diversificado, com produção de 35 bilhões de litros de leite por ano e cerca de 1 milhão de produtores e os mais diversos tipos de produção, que vão desde propriedades com baixa tecnologia, ainda com ordenha manual, com o leite muitas vezes apenas como uma renda secundária, sendo assim profundamente vulneráveis ao livre mercado, até propriedades com mais tecnologia, intensivas na produção por hectare e visão empresarial do negócio.

“Um dos grandes motivos para apoiar a missão desse grupo de produtores foi a oportunidade de conhecer modelos de gestão eficientes tanto na parte técnica quanto financeira das fazendas, em meio a um cenário econômico desafiador que afeta diretamente os produtores argentinos”, relata Ticiania Lopes, analista técnica do SEBRAE/MG, que acom-

panhou a viagem.

Para o coordenador técnico da Alhambra, Carlos Alberto Cunha, a missão trouxe maior conhecimento sobre a maneira como os processos de produção são conduzidos nas fazendas argentinas. “Replicar essas experiências dentro de cada realidade, nos modelos produtivos das fazendas do grupo, é uma de nossas finalidades”, diz.

Diferenças – O grupo de produtores mineiros percorreu a Província de Córdoba, passando pela capital Córdoba, e por Villa María, San Bartolomé, Morrison, Oliva, Arroyito, Ausonia e Arroyo Cabral. Segundo o Observatório Argentino da Cadeia Láctea (OCLA), a província é a responsável por 35,6% do leite produzido na Argentina, sendo, portanto, o maior estado

Ticiania destacou a oportunidade dada aos produtores de conhecer modelos de gestão eficientes técnica e financeiramente



MARIANA CORREIA

produtor do país, à frente das províncias de Santa Fé e Buenos Aires, o segundo e o terceiro estados de maior produção, respectivamente. Nesse percurso, foi possível notar algumas características distintas nos modelos produtivos comparados aos brasileiros, mais especificamente aos sistemas mineiros de produção, visto que todos do grupo produzem leite no sul de Minas Gerais.

Tais diferenças são influenciadas pelo relevo e pelas condições climáticas, principalmente a começar pela quantidade anual de chuvas na região. “Enquanto no Brasil (considerando todos os estados), temos uma média em torno de 1.500 mm/ano, e, em Minas Gerais, aproximadamente 2.100 mm/ano, a Província de Córdoba apresenta o índice em torno de 800 mm/ano, mas, nesse mesmo aspecto, a concentração das chuvas é similar ao sul de Minas, abrangendo o

Compost barn com cama de terra chamou a atenção dos produtores mineiros

período entre os meses de setembro e abril”, aponta o engenheiro agrônomo Carlos Augusto Siguinolfi, que é consultor do Educampo/SEBRAE/Alhambra.

Outra diferença, segundo ele, é a topografia, uma vez que a região de Córdoba é composta por planícies e todas as fazendas visitadas têm áreas muito planas. Finalmente, em relação à temperatura, as épocas de verão e inverno são similares, mas as temperaturas são mais intensas na Argentina se comparadas com o sul de Minas.

Os produtores também puderam observar que a raça holandesa predomina no rebanho argentino, pois, enquanto no Brasil 80% do leite produzido vem da raça Girolando, na Argentina 100% vem da raça Holandesa, com médias entre 31 litros e 38 litros/vacas/dia, dependendo do sistema de produção utilizado nas fazendas visitadas, onde normalmente são duas ordenhas diárias, com exceção de uma delas, onde a ordenha é robotizada. Uma prática comum nessas propriedades é a de não fazer a inseminação de animais entre março e abril, por conta das altas temperaturas e da umidade.

Sistemas de produção – Um modelo de produção, num sistema em confinamento sem galpão, com o mínimo possível de estruturas conhecido como dry lot, chamou a atenção dos produtores brasileiros. Nele, as vacas ficam livres em áreas próximas a cochos móveis e/ou pistas de trato, onde 100% da alimentação é fornecida. Três das primeiras fazendas visitadas apresentavam esse sistema de produção.

Na primeira, chamada La Colonia Lacteos, que fica em San Bartolomé, cujo proprietário é Oscar Bollati, a produção é de 34 mil litros/dia, com 1.100 vacas em lactação e um sistema de ordenha tipo carrossel, implantado desde 2005. É uma fazenda de administração familiar, que tem o rebanho com o maior número de genomas realizados na Argentina, com mais de 2.500 animais com acasalamento cromossômico, segundo contou o gerente Produgenes da ST Genetics/Argentina, Alejandro Marslett, que guiou e acompanhou o grupo nas visitas.

Outras duas fazendas com o mesmo sistema de produção são a Isolet S.A. Desarrollos Agropecuarios, em Morrison – também uma empresa familiar, que tem 800 vacas em lactação e produção de 25 mil litros/dia – e a Aroma S.A., localizada em Ausonia, administrada pelos irmãos Raul e Anália Brizzio, com 540 vacas em lactação e produção de 17 mil litros/dia.

“Durante essas visitas, conhecendo todos os setores das fazendas e seus respectivos manejos produtivos, os produtores brasileiros se questionavam sobre como é possível produzir leite com médias tão altas, excelentes índices de células somáticas, abaixo de 150 mil, com





gado solto e rebanhos com muitas vacas e pouca estrutura? Uma dúvida era como enfrentar o barro na época das chuvas, mantendo a média e a sanidade do rebanho e a CCS baixa. As respostas vieram na proporção em que os produtores foram trocando informações e experiências”, revela Siguinolfi.

Uma das explicações é o baixo índice pluviométrico da região, que é o grande possibilitador para que os produtores argentinos mantenham o rebanho sem investimento em confinamentos mais estruturados, como free stall e compost barn, por exemplo. “Os dias de muito barro e problemas são poucos durante o ano, pois a maioria são dias com tempo seco, o que possibilita manter o rebanho no dry lot, sem necessidade urgente de confinamento em galpão, com estruturas mais caras” – explica Oscar Bollati, proprietário da La Colonia Lacteos.

Em relação ao modelo de produção tipo free stall, as características dos argentinos são bem semelhantes às existentes no Brasil. Numa das visitas, os produtores conheceram a fazenda Los Algarrobos Grande, também uma empresa familiar, cujo criador faleceu no ano passado e os filhos, Nicolas e Juan, a administram atualmente. “Foi o primeiro free stall da província de Córdoba, com 550 vacas ordenhadas e que, atualmente, está em processo de instalação de ordenha robotizada”, observa o produtor Bruno Scarpa, integrante do grupo brasileiro.

Outro fato que chamou a atenção dos produtores brasileiros foi o sistema de compost

barn de cama fria – no qual a cama é de terra, sem o uso de serragem, com pouca ventilação, apresentando também médias altas, com baixas células somáticas. Mais uma vez, o clima, com poucas chuvas anuais, é o principal fator que possibilita esse modelo de produção.

Foram visitadas duas propriedades com esse sistema de produção. A fazenda Est. Don Romualdo tem 180 vacas em lactação, sistema de ordenha com três robôs e 7.000 litros/dia. A Cabaña del Valle, em Oliva, tem uma tradição de 70 anos de criação da raça Holandesa e atualmente está com 200 vacas em lactação e 7.000 litros de leite/dia.

Alimentação – Durante os dias da missão, houve visitas também a campos de produção de forragem e foram feitas discussões sobre a alimentação do rebanho, que tem como base forrageira a silagem de milho e muita oferta de alfafa e aveia em forma natural, silagem, pré-secada ou feno.

Na atual safra de milho (2023-2024), houve uma grande infestação de cigarrinha, o que ocasionou a quebra de 40% da produção. Diante disso, em todas as fazendas visitadas, houve a necessidade de compra de silagem para complementar a produção. Quanto aos insumos concentrados, basicamente as fazendas utilizam os mesmos que o Brasil, como farelo de soja, fubá, milho grão úmido, caroço de algodão e núcleo mineral.

O engenheiro agrônomo e consultor Carlos Augusto Siguinolfi num campo de alfafa de uma das fazendas



Sistema dry lot exige o mínimo de estrutura devido à baixa pluviosidade

Conhecendo um pouco do cooperativismo e da produção de queijos argentinos

Além das visitas às fazendas, os produtores foram levados a conhecer os Laticínios Quesos Especiales S.R.L – uma fábrica de laticínios com foco na produção de queijos artesanais premiados internacionalmente. A indústria é a responsável por quase toda produção dos queijos Brie e Camembert da Argentina.

A última visita da comitiva foi à Arroyo Cabral, cooperativa de produtores de leite, localizada na cidade com o mesmo nome, com captação de 250 mil litros por dia, provenientes de 40 cooperados. Lá, os produtores mineiros tiveram a oportunidade de conhecer a fazenda

de recria e a fábrica de laticínios, responsável pela produção de queijos e os demais produtos comercializados pela cooperativa.

Preço – Nas conversas com os produtores argentinos, o preço de leite foi um dos assuntos e eles relataram aos brasileiros que, em maio de 2023, estavam recebendo 0,23 centavos de dólar, ou seja, em torno de R\$ 1,20 por litro e que, neste mesmo mês, em 2024, o preço pago é o melhor dos últimos anos, chegando a 0,40 centavos de dólar, o que soma cerca de R\$ 2,08 por litro.

Profissionalismo e gestão são pontos fortes

“Diferente do Brasil, onde uma fazenda com mais de 20 mil litros por dia apresenta uma grande infraestrutura, com máquinas e instalações, as grandes fazendas argentinas, em sua maioria, têm menos infraestrutura, com predominância dos sistemas como dry lot e semiconfinados, em função primeiramente das condições climáticas, com menor pluviosidade, o que possibilita a manutenção do rebanho sem estruturas mais robustas de confinamento, com médias acima de 30 litros/vaca/dia e excelentes resultados de qualidade.”, resume Siguinolfi.

Outros fatores, segundo ele, são os altos custos para a construção de galpão de confinamento e a falta de financiamentos, tanto do setor privado como governamental, com juros mais baixos e prazos mais longos, inviabilizando, de certa forma, o confinamento dos rebanhos. Além disso, consequentemente, isso reduz os custos fixos das fazendas. Dessa forma, o produtor argentino tem buscado ampliar a escala de produção e equilibrar os custos para manter resultados satisfatórios economicamente.

Também foi possível notar, conforme conta o coordenador técnico da Alhambra, o profissionalismo do produtor argentino, pois todas as conversas com o grupo brasileiro foram baseadas em dados técnicos e econômicos da fazenda, como indicadores de custo de produção, margem da atividade, necessidade de

escala, indicadores reprodutivos e produtivos.

“Essas são informações essenciais para o bom desenvolvimento do negócio, além de um profundo conhecimento do produtor sobre o cenário em que está inserido, em relação aos mercados interno e externo e como isso afeta os seus resultados”, finaliza.

Siguinolfi destaca que a viagem foi bastante satisfatória, à medida em que pode confirmar aos produtores, que, independentemente do país ou da região, dificuldades ou oportunidades de cada local, a gestão sempre será o ponto-chave para a sustentabilidade do negócio. “Com rentabilidades menores na crise ou maiores em períodos mais favoráveis, não importa a época ou onde a fazenda esteja localizada, a gestão será sempre o segredo dos bons resultados.” afirma. **BB**

*Com informações e colaboração de Carlos Augusto Siguinolfi.



QUESOS S.R.L./ARROYO CABRAL

Missão também visitou a Quesos SRL e a Cooperativa Arroyo Cabral, duas indústrias de laticínios da Província de Córdoba